

PARECE ATÉ
COISA DE VIADO.
E É!¹

IT SOUNDS
LIKE A FAG.
IT IS!

Jaguar*

Quando estive em Vitória, no lançamento do livro de Lacy Fernandes Ribeiro, "Primeiro passo", fui abordado por um rapaz mulato, baixinho e maneiroso. Me deu um livrinho de poemas com uma dedicatória engraçada: "Ao Jaguar, com frescura, Valdo Motta". Pensei o que sempre penso quando recebo um dos inumeráveis livros de versos que me chegam às mãos: "Caceta, outro poeta pra encher o saco". Não que não goste, já li tudo o que tive direito em matéria de poesia. Me considero poeta frustrado e conformado: quando tinha 18 anos mandei um "poema" de 36 páginas para o Drummond que teve o saco (aposto que nem se lembra disso) de responder polidamente, até guardei uma frase da carta: "Há resquícios de poesia no verso tal da página tal".

¹ JAGUAR. Parece coisa de viado. E é! *Pasquim*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 677, p. 3, 17/06 a 23/06 1982. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=25020>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

* Caricaturista, ilustrador, desenhista, jornalista e cronista.

Mas voltemos ao livro de Valdo, *As peripécias do coração*, edição do Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré (Tás por dentro, Zózimo Bulbul?).

Pra encurtar o papo, Valdo é, na minha opinião, uma inesperada revelação poética. Sabe mexer com as palavras, ariscas e fluidas, não faz drama, pelo contrário, vai de humor no que se assume de bicha, negro e maldito. É viado mas quando lida com as palavras é sem frescuras, não divide, como certos panacas, as palavras em bonitas e feias. Não hesita em escrever “enrabar” em vez “possuir”.

No primeiro poema do livro (Prolegômenos) dá sua definição de poesia: “Poesia é uma coisa/ que enche o saco/ é a pedra no sapato/ das pessoas”. Primeirão a detetar um poeta de verdade, mais difícil de encontrar que um PM que não leve grana. Abram alas para a poesia de Valdo Motta.

Iniciação amorosa

Vivia só me tocaiando
E toda vez que eu saía com o estilingue
à caça de anuns, tizius, garriças
em meio ao vasto mamonal,
Nanau me enrabava
Eu via passarinhos!

Footing no Pé Sujo

Cheio de metáforas e nicotina,
resolvo sair um pouco.

Ao longo da rua sorumbática,
cães, crianças, bêbados e malandros,

uns me cumprimentam, outras escarnecem
do “viado que é poeta e saiu no jornal”.

Projeto

Assim como o escultor
ama na pedra bruta e informe
apenas a possibilidade
de uma futura estátua.

Também eu, ó difusa sombra
do que sonho atormentado,

também eu só amo em ti
– Que, me perdoe, nunca amei –

Só a possibilidade
que tens de te transformares,
do cinzel deste convívio,
nisso a que, febril e sôfrego,
meu inquieto amor aspira.

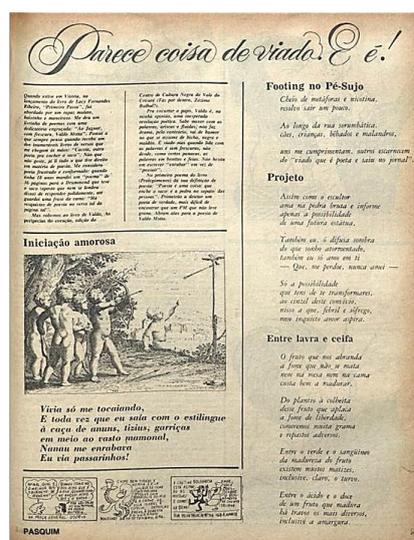
Entre lavra e ceifa

O fruto que nos abranda
a fome que não se mata
nem na mesa nem na cama
custa bem a madurar.

Do plantio à colheita
desse fruto que aplaca
a fome de liberdade,
comeremos muita grama
e repastos adversos.

Entre o verde e o sanguíneo
da madureza do fruto
existem muitos matizes
inclusive, claro, o turvo.

Entre o ácido e o doce
de um fruto que madura
há travos os mais diversos,
inclusive a amargura.



Capa do *Pasquim* e página com a seleção de poemas de Valdo Motta, “Parece coisa de viado. E é!”, de Jaguar.